Meu Colega 132 do Liceu do Ceará

Livino Virgínio Pinheiro

Tinha razão Zenon em dizer que "Um amigo é um outro de nós".

Certa vez, tendo falecido um nosso colega da então novel Faculdade de Medicina, o culto professor Newton Gonçalves, camarada nosso dos mais distintos de lides universitárias, me declarava que sempre que desaparecia do seu convívio, pela morte, um amigo leal, tinha a sensação de que o destino impiedoso lhe houvesse arrancado, violentamente, um pedaço do seu próprio corpo.

Quando, ao chegar, pela manhã, do dia 24 de julho á Imprensa Oficial do Ceará, ao dar o meu bom-dia a colega Orildes Sales — nossa companheira de trabalho — essa perguntou, de chofre, se tinha sabido do falecimento do nosso querido Raimundo Girão. Foi como se me tivessem tirado, com um "saca-bocado", um pedaço do meu coração, onde o tinha, desde muitos anos, como um dos inquilinos mais estimados, mais ricos em bondade e em saber.

Raimundo Girão. Fui a ele estreitamente aproximado por vera afeição. Conheci-o muito de perto.

Quando me matriculei no velho e querido o "meu" Liceu do Ceará (como ele costumava denominá-lo), em 1918, Girão, ali, já havia ingressado, em 1915.

Esse tradicional e respeitado estabelecimento de ensino secundário era, naquele tempo, no gênero, o único, existente neste Estado.

O seu primeiro diretor foi o professor catedrático de Geografia e ex-Senador Tomaz Pompeu de Sousa Brasil. O

Liceu tinha, como se vê, desde a sua origem, a marca da nobreza. Nele (1918) — egresso do excelente Instituto Miguel Borges, dirigido pelo renomado professor Odorico Castelo Branco — matriculei-me no 1º ano do Curso Integral, sob o nº 101, Raimundo Girão em 1915, no Curso avulso — provindo do afamado Colégio Colombo, sob nº 132.

Era ele, naqueles idos, um rapaz simpático dono de um físico forte, de musculatura bem proporcionada, irradiando magnífica saúde, tudo isso devido principalmente ao esporte que exercitava, desde que era um dos famosos craques de futebol do "Guarany Atlético Club".

Gostava do sortilégio instintivo de fazer amigos, o que o levava a procurar relacionar-se com todos os colegas, fossem os da sua faixa etária, ou os da idade dos "fedelhos" como eu.

Já, desde esse tempo, parecia-me procurar ele, tal como Bertrand Russel, atingir estas três virtudes que, fundidas, proporcionam a felicidade ao homem; o desejo ardente de amor, a procura insopitável do conhecimento e a imensa devoção pelo sofrimento dos mais humildes.

Na trajetória da sua longa vida, desde aluno do Liceu, sempre se orientou pela agulha imantada da moral, do dever e do estudo.

O amplo prédio do "Liceu do Ceará", localizado na Praça dos Voluntários, construído pelo engenheiro-tenente João Arnoso, quando governava o Estado o coronel José Freire Bezerril Fontenele, era constituído por duas alas; uma, dando para aquela praça; a outra, para a Rua Sena Madureira.

A primeira continha oito salas, onde eram ministradas as aulas dos seis anos do curso; a segunda comportava a Diretoria, a Secretaria, inclusive a sala de armas, além de outras dependências da administração.

No centro do casarão; dois espaços abertos, de regulares dimensões, não gravados.

A entrada dos alunos para as aulas era feita por uma larga porta que dava para a Praça dos Voluntários. Para ingresso ao prédio, galgava-se uma escada com seis degraus de mármore.

No alto da parede de frente do pequeno vestíbulo, cortada em arca, lia-se, obrigatoriamente, sempre que se ingressava no prédio, esta frase em latim:

Homo non sibi soli natus est, sed Patriae et sui. (O homem não nasceu só para si, mas para a Pátria e para a sua gente).

Esse magnífico ensinamento, ficou, como que tatuado no espírito de uma legião de jovens que ali estudou. Esse dístico ficou certamente inscrito no estandarte conduzido pelo saudoso colega Raimundo Girão, apontando aos das gerações mais novas a segui-lo na vida.

Girão era um exemplo de disciplina, no Liceu, obediente aos ensinamentos do seu pai, o Sousa, como era conhecido. Contudo, solidário com os colegas, participava ativamente de todos os protestos, ou greves que esses realizavam. Lembro-me, neste instante, de dois episódios interessantes ocorridos com o liceísta Raimundo Girão.

Todos os nossos professores eram demasiadamente austeros. As chamadas de presença às aulas, a cargo de um bedel, eram feitas com muito rigor, obedecendo aos números de matrícula de cada aluno.

Certa feita (fato que aconteceu também comigo, em aula de Português, do professor Raimundo Arruda), em aula ministrada pelo professor de Matemática Henrique de Alencastro Autran, respondendo ao chamamento do 132 (que era o dele) fê-lo, gritando: PRONTO, com ar de troça, acanalhadamente.

O professor imediatamente ordenou que se levantasse e, em seguida, se retirasse do recinto, avisando-o que estava suspenso por cinco dias, com faltas duplicadas.

Regressando, mais tarde, à sua residência, nesta já se encontrava o comunicado de suspensão.

Os exames, no fim do ano, no Liceu, revestiam-se de um rigor fora do comum. Eram, via de regra, convidados para comparecer comissões avaliadoras do preparo dos candidatos, professores renomados, estranhos, dos preparatorianos.

Vários deles pertenciam ao corpo docente do afamado Colégio Militar do Ceará, todos catedráticos e concursados no Rio de Janeiro, então Capital federal. Vale ser assinalado que poucos eram os liceístas — do Curso integral, ou do avulso — que dominavam, com segurança (como era o caso de um Jurandir Picanço) a maior soma de conhecimentos exigidos no elenco das disciplinas que compunham os doze preparatórios, exigidos, rigorosamente, a todos os candi-

datos a vestibulares, permitindo-lhes ingresso em uma das faculdades de ensino superior do país.

Havia muitos humanistas, conhecedores específicos do vernáculo e de outras línguas, historiadores, matemáticos, físico-químicos.

Raimundo Girão já se destacava dentre os colegas como jovem autoridade em História Universal, História do Brasil, Geografia e Corografia, da mesma maneira como o eram Jáder de Carvalho, Hugo Vitor e Moésia Rolim. Não tinha, todavia, inclinação para a Matemática. Inscreve-se para fazer o preparatório de Geometria e Trigonometria. A prova escrita permitiu-lhe milagrosamente, participar da oral. Na oportunidade, um dos mais exigentes professores do Colégio Militar, solicitou a Girão que traçasse, no quadro-negro, uma circunferência. O compasso de madeira utilizado em aula pelo professor da disciplina estava com um dos ramos quebrados (talvez "arte" de algum aluno).

O professor lhe disse, jocosamente, "imite", então, uma circunferência, à mão solta.

O anjo da guarda de Girão deve ter interferido na ocasião, guiando-lhe a mão. Descreveu uma circunferência tão perfeita, como se fosse feita a compasso.

Disse-lhe o examinador. "Por mim, estou plenamente satisfeito, só com essa habilidade demonstrada pelo senhor" e ele conferiu uma nota alta, o que, no cômputo geral, permitiu-lhe passar "pela tangente", conseguindo, destarte, tirar o dificílimo preparatório de Geometria e Trigonometria.

Há dois anos, aproximadamente, preocupado com o lado cultural da gente que exerce as mais diversificadas funções na IOCE, procurei reunir, certa tarde, ao fim do- expediente de trabalho, alguns dos derradeiros abencerragens dos liceístas da "nobre época" de Raimundo Girão, presentes em Fortaleza, para um "entrevero amistoso" entre eles e os intelectuais da empresa.

À dita reunião compareceram Raimundo Girão, Djacir Menezes, Lauro Ruiz de Andrade, que comigo formavam um "quarteto" de idosos, com os corações que não tinham envelhecido. Os quatro pareciam ainda estar vestidos com a farda de cáqui, cor de barro, obrigatória para os alunos do Liceu.

Como estava alegre, rejuvenescido, mesmo, o nosso queridíssimo Raimundo Girão!

Era ele um assíduo freqüentador da IOCE, porque fazia questão de revisar os seus trabalhos que aqui eram impressos.

Os servidores, sem distinção, aqui, o queriam muito. Simples, conversava com todos, apertando a mão dos operários das oficinas, da mesma maneira como o fazia com diretores.

Em aqui chegando, logo me procurava, na minha sala de trabalho, relembrando sempre fatos ocorridos no "nosso" Liceu do Ceará.

Nesses momentos, sentia que ele carregava consigo aquela "grande desgraça", a que se referia Benjamim Disraeli, excepcional ministro do Império Britânico — "a grande desgraça de ser idoso, possuindo um coração que teima em não querer envelhecer".

Ultimamente, nas suas peregrinações à IOCE, tinha mesmo dificuldade de subir as escadas que davam acesso ao segundo pavimento do prédio.

Permanecia, durante horas a fio; fazendo revisão e trocando idéia com os técnicos sobre os detalhes gráficos; de como poderiam ser as dimensões, o formato, as ilustrações da capa dos livros em impressão.

Caminhava já muito devagar, quase sempre arrimado ao seu solícito motorista, que o tratava sempre com manifesta delicadeza. Nessas ocasiões, um dos chefes de serviço me mandava avisar que "o diretor Girão se encontrava no Departamento de Operações". Descia imediatamente, passando a entreter com ele gostosa palestra acerca de diferentes temas, sempre entremeada de recordações de colegas e da vida estudantil.

Nunca o vi se queixar dos seus sofrimentos físicos, que o empurravam, irrevogavelmente, para o túmulo. Conservava o espírito alevantado, atento a tudo, apresentando aquela serenidade estóica de um Epicteto.

No esplêndido livro *De Proust a Camus* de André Maurois, uma das figuras mais acatadas da "Academia Francesa" e da cultura humanística européia, lê-se a comovida oração que proferiu por ocasião do funeral do seu grande mestre e amigo Emilie Chartier, mais conhecido por Alain. Ao pé do túmulo desse eminente filósofo, afirmou: "Existem homens que começam a viver quando morrem".

É que os exemplos, as nobres ações dos homens superiores são, indiscutivelmente, transmitidas às gerações que lhes sucedem.

E acrescentava o orador. "Sócrates não está morto — vive em Platão. Piatão não está morto — vive em Alain — Alain não está morto — vive em todos nós".

Referindo-me a Raimundo Girão, digo o mesmo que o escritor francês disse de Alain: ele não morreu, porque vive em cada um dos seus ex-colegas liceístas e em cada um dos contemporâneos que tanto aprenderam com ele.

Girão viajou para a eternidade, deixando-nos insuportável saudade.

Representava, em vida, uma unidade de precioso valor na constituição da comunidade humana; "Um hombre que perpetuamente cresce y que perpetuamente aprende", como qualificava Vicente Fidel Lupes, em *Filosofia de la Historia,* como dizia dos homens do estofo moral e intelectual do nosso precioso amigo.

Procurava sempre "ir de encontro à verdade com toda a força da alma", como ensinava Alain, estudando incansavelmente, perquirindo com escrúpulo, toda vez que lhe era proposto um problema histórico ou social que se desejava esclarecer.

Acredito que Raimundo Girão, o meu fraterno colega 132 do Liceu, tenha imitado Goethe moribundo, implorando também, ao se despedir deste mundo tão sombrio; "Licht, licht, mehr licht! luz, luz mais luz".

Transcrito do D.O. Letras — Ano III n.º 12 — julho/setembro 1988.